

COLO: O LUGAR DO LIVRO E DA LITERATURA NA INFÂNCIA

Ninfa Parreiras¹

Resumo

A proposta da nossa reflexão em *Colo: o lugar do livro e da literatura na infância* é pensar a literatura infantil, seu desenvolvimento no país e seu alcance em bibliotecas e escolas. Que literatura é esta? O que a distingue do livro? Quem é a criança leitora? Conceber o colo como espaço de acolhimento para o bebê e a leitura ajuda a romper paradigmas e ler em voz alta para os bebês e as crianças, cantar e contar histórias. E, principalmente, valorizar e respeitar os sons aparentemente sem sentido como uma linguagem em construção. Incluir a família como responsável pela promoção da leitura é dever dos educadores comprometidos com a democratização da arte literária. O brinquedo é destacado como o objeto primordial da infância, assim como a presença dele na literatura. Ou seja, o jogar, a fantasia e a possibilidade de imaginação são, de fato, elementos preponderantes da literatura infantil. São citados autores da psicanálise que nos ajudam a entender a infância e aspectos da literatura a ela destinada, como Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, Donald W. Winnicott, bem como os pensadores Walter Benjamin e Roland Barthes. Valorizamos o olhar e a escuta como gestos de acolhimento às crianças e de aproximação delas à arte da palavra.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Infância. Livros.

A literatura para a infância se constitui, cada vez mais, como um gênero literário e os livros para as crianças são um nicho do mercado que cresce e se aperfeiçoa, com livros mais bem feitos do ponto de vista editorial. Podemos dizer que

¹ Mestre em Literatura Comparada (USP), graduada em Letras e Psicologia (PUC-RIO), Membro Psicanalista Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise Iracy Doyle.

no Brasil hoje as três linguagens, a saber, texto, ilustrações e projeto gráfico estão afinadas em obras com qualidade estética e gráfica. Como todo objeto do mercado, o livro pode também ter qualidade ruim. Ou não trazer literatura. Nem por isso, deixamos de ter uma literatura qualificada, com reconhecimento nacional e internacional.

Em um país, com três autores que venceram o maior prêmio de literatura infantil do mundo (o pequeno Nobel do setor), o Hans Christian Andersen, do *International Board on Books for Young People – IBBY* (Lygia Bojunga, Ana Maria Machado e Roger Mello, respectivamente em 1982, 2000 e 2014), a qualidade da nossa literatura ultrapassa as fronteiras nacionais. Desde o projeto inaugurado por Monteiro Lobato, na década de 20 do século passado, a literatura infantil nacional tem se firmado como uma produção de identidade e de características universais e atemporais, para além dos regionalismos. Lobato, o divisor de águas da nossa literatura, traz seres inteligentes, do interior, da roça, do folclore, da literatura clássica, com nuances e tratamento de linguagem respeitoso ao leitor. Nas décadas seguintes, mesmo que com poucas produções, a literatura infantil ganhou fôlego e destaque no mercado editorial. Lembramos ainda a revolução na poesia trazida por Cecília Meireles, com a obra *Ou isto ou aquilo*.

Temos uma geração de autores, escritores e ilustradores, que começaram a publicar nas décadas de 70 e 80 e prosseguem com um compromisso com a qualidade estética do texto e da ilustração: Sylvia Orthof, Bartolomeu Campos de Queirós, José Paulo Paes, Elias José (que já nos deixaram) e ainda Marina Colasanti, Ziraldo, Joel Rufino dos Santos, João Carlos Marinho (escritores); Angela Lago, Eliardo França, Rui de Oliveira, Nelson Cruz, Marilda Castanha, André Neves (ilustradores). Além, claro, dos vencedores do Prêmio HCA comentados anteriormente. A lista pode ser bem mais longa, até porque nosso solo literário é fértil e bem cuidado pelos artistas-agricultores.

Uma série de questões históricas, políticas, sociais e educacionais facilitaram a consolidação de uma literatura

infantil brasileira comprometida com o belo e com a voz da criança. Podemos citar: a ditadura (com o golpe militar de 1964 e a censura às produções voltadas ao público adulto); o AI 5, expressão de punição, poder e controle social (baixado em 1968); as mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB de 1968), com a obrigatoriedade da leitura de obras de autores nacionais na escola; o surgimento de livrarias infantis em algumas capitais (final da década de 70); a profissionalização do livro infantil, com a contratação de profissionais que produziam para essa área (anos 70 e 80); a autoria dos textos de artistas nacionais sem comprometimento ideológico nem pedagógico; o Ano Internacional da Criança (1979) declarado pelas Nações Unidas. Tudo isso facilitou o desenvolvimento de uma literatura com linguagem lúdica, coloquial e abordagens descomprometidas de moralismos. E mais: uma literatura que tem identidade própria, com o uso da intertextualidade, da verossimilhança, das figuras de linguagem etc.

O que caracteriza a literatura infantil? Como aproximar a criança, em tenra idade, dessa produção? Qual o papel da família e da escola no processo de mediação da leitura? Há literatura para os bebês? Como lidar com crianças que ainda não decifram o código escrito? Essas e outras questões serão aqui discutidas, no intuito de oferecer aos professores e profissionais da educação subsídios para lidarem com a literatura na escola, na biblioteca e em espaços culturais.

O colo pode ser espaço. De extensão ilimitada, para a imaginação de uma criança. Acolhe, recebe, oferece segurança. É o prolongamento do ventre humano, do qual o bebê nasce tão prematuro: não anda, não fala, não mastiga, não fica em pé, não segura alimentos com as mãos... Uma prematuridade que tem suas compensações nos primeiros anos de vida pela afetividade constituída. Diferente de outros animais, como um filhote de elefante, de cão, o bebê humano nasce com dependências: como se alimentar com autonomia? Como se virar sozinho?

Sua psique se constitui no contato com as pessoas, ao longo do tempo. Um bebê não nasce com seu campo afetivo

estabelecido. Os dois primeiros anos de vida são cruciais para o seu desenvolvimento emocional e cognitivo. A grande contribuição de um adulto pode acontecer nesse período.

O colo é um lócus, lugar onde depositamos afetividade, calor, aconchego. Um ninho. A bolsa do canguru para os filhotes. Já pensou nisso antes?

No ventre, o feto sente movimentos, escuta sonoridades. Pesquisas científicas nos mostram bebês que se tranquilizam após escutar sons conhecidos do período da gravidez: música, cantiga, voz de um membro da família etc. Há sensações finas, sutis. Espaço ainda configurado às marcas não verbais, com memórias que não podem ser faladas. Nem ganham corpo de linguagem verbal. A chegada ao colo se apresenta como um tempo de compensação do sentimento de desamparo. O bebê pode expressar na fisionomia os confortos que sente e os incômodos que o perturbam. Choro e resmungos são manifestações de desconforto. Sorrisos e sonolência podem ser serenidade e segurança.

Nos primeiros meses, a criança tem percepções sensíveis, de saber que a mãe (ou o adulto que a cuida) pisa forte e chega. Ou que pisa macio, miudinho. Que franze a testa. Que respira com um calor úmido. Que tem uma pulsação forte. Esses sinais da linguagem não verbal inauguram o campo dos afetos na vida da criança. Antes da palavra, chegam o som, o ruído, o cheiro. No colo, você embala o bebê, você o acarinha, o toca, canta.

Evelio Cabrejo Parra, linguista e filósofo colombiano (em entrevista para a Revista Nova Escola, disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/entrevista-evelio-cabrejo-parra-736818.shtml>>, 28/08/14, 15h47), considera que o rosto dos responsáveis pela criança desempenha um papel determinante ao concretizar sentimentos a partir das expressões faciais. A voz e o rosto dos adultos são os primeiros livros de um bebê. São abertos a partir de uma sensibilidade para escutar e sentir as sensações dos pequenos. A criança não pode ser mais concebida como um ser incompleto, inacabado, mas deve ser considerada um ser pleno nas suas competências e habilidades. Somos

seres em desenvolvimento e, ao longo da vida, sofremos mudanças e modificações.

A literatura dá seus primeiros passos na infância como produção de sons sem sentido: por meio de acalantos, parlendas, cantigas de roda. Por meio de histórias contadas e lidas, brincadeiras com sonoridades e palavras. Aqui, importam menos os conteúdos e mais a musicalidade e o ritmo. Cante para o bebê! Cantigas populares, sem preocupações com conteúdos morais. As crianças se aconchegam pelos sinais de linguagem não verbal e não por significados de palavras e de frases. O balançar o corpo, o segurar com firmeza a criança. Posteriormente, o ler e, ao mesmo tempo, olhar nos olhos delas. Escutar também as histórias que contam ou leem. Valorizar o que produzem.

Conte e leia histórias com voz pausada, ambiente tranquilo. Recite versos, repita. Leia textos curtos. Não se preocupe em terminar a história. Para o bebê e a criança bem pequena, importa aquele momento de leitura e de manuseio de um livro, mesmo que breve. Importa o instante, a experiência segura e cuidada. Se ele chorar, pare o que você estava fazendo e retorne posteriormente. Ou comece algo novo depois.

Noções de linearidade ainda não fazem parte do repertório dos pequenos. Quando são histórias lineares, interrompa a leitura e retome depois. Outro dia. Leia e olhe para a criança. Nos olhos. Fale com seus sinais de rosto: pele, olhos, rugas, nariz, queixo. Use as mãos. Imite sons de animais e de fenômenos da natureza, além de buzinas, campainhas etc. Invente sons, repita os sons que a criança lhe oferece. O balbucio é a música que o bebê pode dar aos que o cercam, por quem possui afetividade e segurança o suficiente para presentear com seu canto.

Valorize o murmúrio, o gungunar (som dos recém-nascidos). São sons puros, livres de contaminações de vocabulário. Em *Exercícios de ser criança*, o poeta Manoel de Barros nos fala disso. Ele nos conta sua experiência como escritor ao valorizar os sons do bebê, produções aparentemente sem sentido.

O espelhamento, repetir o que o bebê faz, é necessário como reconhecimento do outro. Acolha coisas absurdas, sons sem sentidos, *non senses*. Não aposte em ter um filho gênio, um aluno precoce, com capacidades além das apresentadas pelo grupo de colegas. Respeite o tempo interno do seu aluno, do seu filho.

O livro começa a ser um objeto simbólico, na medida em que a criança reconhece nele memórias olfativas, gustativas. Como um brinquedo, pode ser levado à boca, cheirado, mordido, chupado, tocado... Algo a ser descoberto, para ser experimentado pela exploração sensorial. Quanto mais simples o objeto de papel cartonado, com prosa de ficção ou versos, melhor ele atende às necessidades exploratórias. Evite livros cheios de estímulos, luzes, abas, músicas, como uma mesa de DJ de boate. Escolha as obras pela simplicidade e possibilidade de fantasiar, que a fantasia não venha pronta, mas a ser construída.

O livro é constituído de encantos por si só. A mágica passa a existir ao iniciar a leitura da história. Crie um nicho propício. O passar cada página traz sensações, expectativas. O ruído, o cheiro, *o que vai acontecer agora? E depois?*

Não devemos antecipar processos de leitura. O desenvolvimento da linguagem não verbal é esteio para uma criança adquirir seu lugar no mundo. Tão importante quanto uma aula de leitura ou de escrita. Falar, balbuciar, cantar, contar, repetir sons sem sentido. E também respeitar a criança que chupa as pontas dos livros, que os morde, os baba. Ter tolerância ao manuseio sem domínio dos movimentos finos, de pinça. Tudo isso é adubo na formação leitora e emocional de uma criança. O desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo, acontece em processos.

Sentir os cheiros, provar os sabores, olhar/ver as coisas, escutar ruídos, tocar as texturas. O bebê, atento ao mundo, aceita os estímulos das diversas linguagens. Ler as letras e articular sons são processos mais sofisticados. Ambos demandam domínios cognitivos que a criança de poucos anos ainda não têm.

Conhecemos, com o fundador da psicanálise, Sigmund Freud, o *Fort-Da*, na psicanálise. Ou seja, o jogo do carretel/cordão, a saída e o retorno necessários à vida: *vai e vem: oh!* O jogo do carretel é a resposta da criança ao fosso criado pela ausência da pessoa que a cuida. Permite que seja realizado um movimento de soltar e voltar. Freud, no artigo “Além do princípio do prazer”, conta-nos a observação de uma criança que é deixada pela mãe com uma cuidadora por sucessivos dias. Na ausência da mãe, a criança brinca de enrolar e desenrolar um cordão num carretel e atirá-lo, ao pronunciar: *vai e vem: oh!* Ao longo dos dias, o mestre da psicanálise observa como aquela tarefa de brincar constituía um ato de criação para a criança.

O movimento da própria vida. A repetição tão presente na infância, *conta mais, de novo* é uma deixa da criança para o adulto: precisamos repetir para elaborar. Em outro artigo, “Recordar, repetir e elaborar”, Freud nos alerta para a importância das repetições na vida da criança. Ao repetir, elaboramos, ou seja, construímos processos. A criança precisa da repetição para jogar, brincar, mas também para entender o mundo em que vive, predominantemente dominado pelos adultos.

Repetir as cantigas, as histórias, os contos de fadas, as adivinhas. Além disso, a voz do adulto que lê ou conta a história funciona como um colo, uma proteção, um contorno (*holding*, como nos diria o psicanalista inglês Donald Winnicott). No Reino Unido, do pós-guerra, ele atendia as crianças com as famílias e percebia a importância do brincar para a criança. Em sua obra *Brincar e a realidade*, temos um precioso estudo da relação do brinquedo com a infância.

Winnicott nos apresenta também o conceito de *objeto transicional*, que faz a transição do eu para o outro, o não eu, o isso. O pulso, o mulambinho, o brinquedo, o livro, o paninho, a própria pele: elementos de relevância nos primeiros anos de vida. Quem não tem seu travesseiro, seu chaveiro, seu ursinho, sua bruxinha, sua boneca, seu livro? São objetos transicionais.

O *holding* considera a sensibilidade epidérmica da criança – tato, temperatura; sensibilidade auditiva, visual; sensibilidade às quedas – assim como o fato de que a criança não tem conhecimento da existência daquilo que não seja ela própria. Inclui a rotina de cuidados. A sustentação compreende o fato físico de ter/acolher a criança no colo, o que constitui uma forma de amar, de sustentar. A mãe, ou substituto, é um ego auxiliar.

O *holding* feito pela mãe é o fator que decide a passagem do estado de não-integração, que caracteriza o recém-nascido para a integração posterior. O vínculo entre a pessoa que cuida e o bebê assentará as bases para o desenvolvimento saudável das capacidades inatas do sujeito. Isso nos serve para os processos de mediação da leitura.

O objeto transicional representa a primeira posse *não-ego* da criança, conta com um caráter de intermediação entre o seu mundo interno e o externo. Algo que não está definitivamente nem dentro nem fora; servirá para que possa experimentar essas situações, e para demarcar seus próprios limites emocionais em relação ao que está fora e o que está dentro. Em relação ao desconhecido.

Aprendemos no brincar compartilhado. Se o brincar implica transitar com alegria em um território intermediário entre o eu e o outro e, conseqüentemente, desconhecido, podemos reconhecer que, mais do que admitir ou suportar o não-saber, o brincar pressupõe afirmá-lo como condição para a criação. Para criar, a criança, o poeta, o artista brinca. Brincar é algo da mais alta relevância para todos nós.

O húngaro, contemporâneo de Freud, Sándor Ferenczi, em “*Confusão de línguas entre os adultos e a criança*”, nos fala da *linguagem da ternura, da criança; e da linguagem da paixão*, do adulto. Quando o adulto não tem escuta para a criança, há uma espécie de *abuso* na relação. Uma verticalidade que oprime e marca um trauma. Nem sempre a linguagem utilizada pelo adulto respeita a criança. Logo, devemos escutar as necessidades mais simples dos pequenos. Sabemos o que é melhor para eles? Como escutar a voz da criança? Como prevalecer o ponto de vista dela?

Talvez agacharmos (literal e simbolicamente) ou nos deixar levar pelos brinquedos e brincadeiras...

A literatura desconcerta, cria conflitos, solta a voz. Ou seja, perturba. Ao ler uma história de ficção, não esperar que a criança entenda x ou y, ou aprenda z, ou tire a lição w. Leia por ler. Não faz falta escolher o tema primavera porque é primavera. Nem trabalhar livros dos indígenas no mês de abril, quando temos o dia do índio.

A literatura existe no campo do irracional, da desrazão. Ela não atende a calendários, não tem prazo de duração, nem vem acompanhada de modo de usar, nem pode ser rotulada por faixa etária. Não é administrada em doses. Como expressão de arte, foge a qualquer possibilidade de entendimento, de explicação. Como seria ir a um concerto de música clássica e dizer ao final do espetáculo o que entendeu, que lição tirou para a vida? Como seria ir a uma exposição para aprender algo moral? Então, vamos deixar a literatura existir por ela própria, com lacunas, não-ditos, interditos.

Roland Barthes, semiólogo e escritor francês, em *Mitologias*, nos conta que qualquer jogo de construção, se não for demasiado sofisticado, implica um conhecimento de um mundo bem diferente. Com ele, a criança não inventa objetos significativos, pouco lhes importa se eles têm um nome. O que ele exerce não é uma utilização, é uma demiurgia: cria formas que andam, que rodam, cria uma vida e não uma propriedade. Propriedades são coisas dos adultos. A criança aprecia o brinquedo em que ela pode brincar, mexer, experimentar...

Os objetos levam-se a si próprios, já não são uma matéria inerte e complicada na palma da mão. Deixar a criança brincar com o que lhe traz prazer e satisfação! Deixar o bebê manusear, babar, chupar, morder o livro! Cada um de nós se apropria do livro ao seu modo: sublinha com lápis, com caneta, introduz clipes, marca-texto, folha, flor, bilhete de cinema, de metrô. O livro é um corpo e como corpo envelhece: ganha suas rugas, um tom amarelado, um cheiro, trincas. Deixar as marcas do tempo fazerem do livro

um objeto transicional para a criança! Uma referência. Uma memória.

Walter Benjamin, filósofo e sociólogo alemão, em *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*, nos fala da crescente massificação da industrialização que inscreve o brinquedo em uma dimensão de homogeneização. Vamos resgatar o artesanal, o contar histórias no colo, o olho no olho. O brinquedo como ponte de comunicação possível da criança com o mundo, como realização cultural e satisfação subjetiva. Vamos ter cuidado com os objetos culturais que escolhemos para as crianças (brinquedo, livro). Que eles sejam objetos de deleite e com possibilidades de exploração dos sentidos.

Precisamos saber que nem todo livro infantil traz literatura. O livro é objeto do mercado, de circulação. A literatura é expressão de arte, sem idade. Quem determina a faixa etária para um livro é o adulto. Em especial, o editor, que dá a forma que escolhe para o texto/ilustração/projeto gráfico, as três linguagens do livro para crianças. Há livros infantis com textos de Machado de Assis e Guimarães Rosa, por exemplo.

A literatura pressupõe um trabalho lapidado com as palavras e as sonoridades (principalmente na Poesia). Há o uso corrente de jogos de linguagem, de figuras de linguagem. Há a polissemia, a verossimilhança, a intertextualidade, para citar alguns elementos que a caracterizam.

Aquilo que é infantil, no melhor sentido (a brincadeira, a desrazão, o não saber), é o que caracteriza a arte (a produção genuína). A literatura é infantil. O brinquedo é infantil: subversivo, irracional, transgressivo. E o que permite ao adulto criar é o infantil. Como nos disse Freud no ensaio “Escritores criativos e devaneios”, qualquer caminho que ele escolhesse, como investigador da alma humana, um poeta terá passado por ele antes. Ou seja, os poetas sabem da nossa subjetividade.

O poeta é um infante, ele se guia pelo infantil, pelo irracional, genuíno. E a criança é um pequeno artista que livremente mexe e constrói em seu universo lúdico.

O mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o que ocorre com as suas brincadeiras. É impossível situá-las num mundo de fantasia, na terra feérica da infância. Mesmo quando não imita os utensílios dos adultos, o brinquedo é uma confrontação – não tanto da criança com o adulto, como deste com a criança. Não são os adultos que dão em primeiro lugar os brinquedos às crianças? Mesmo que a criança conserve uma liberdade de aceitar ou recusar, muitos dos brinquedos tradicionais (bolas, arcos, rodas de penas, papagaios) foram impostos à criança como objeto de culto, que, graças à sua imaginação, se transformaram em brinquedos. Ou meros objetos como caixas, latas, varas se transformam também em brinquedos nas mãos das crianças.

A grande lei que, além de todas as regras e ritmos individuais, rege o mundo da brincadeira em sua totalidade não seria a lei da repetição? Sabemos que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como ‘brincar outra vez’. De novo! E mais outras tantas vezes!

A compulsão à repetição, trabalhada por Freud em “Além do princípio do prazer” não é menos violenta nem menos astuta na brincadeira que no sexo. Não é por acaso que o pai da psicanálise acreditava ter descoberto nessa pulsão algo ‘além do princípio do prazer’. Com efeito, toda experiência profunda deseja, insaciavelmente, até o fim de todas as coisas, repetição e retorno, restauração de uma situação original, o seu ponto de partida. Assim é com o saciar a fome, com o sexo, com o trabalho, com a diversão.

A criança não quer fazer a mesma coisa apenas duas ou três vezes, mais uma vez de novo, cem e mil vezes. Não se trata apenas de assenhorear-se de experiências terríveis e primordiais pelo amortecimento gradual, pela invocação maliciosa, pela paródia. Trata-se também de saborear repetidamente, do modo mais intenso, as mesmas vitórias e triunfos. O adulto alivia seu coração e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência. A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início.

Ela reedita sua experiência. É a transformação em hábito de uma experiência devastadora. De novo!

Vivemos em um momento em que as crianças e os jovens nunca leram tanto como hoje em dia: programas de distribuição de obras literárias dos governos federal, estaduais e municipais; alimentação dos acervos das bibliotecas públicas, escolares; criação de centenas de bibliotecas comunitárias pelo país; acesso rápido a aquisições de livros em livrarias virtuais; realização de concursos e prêmios literários pelo país; realização de feiras de livros em capitais e demais cidades, bem como festas e festivais literários pelos quatro cantos do Brasil. Além disso, há uma enorme busca de cursos de criação literária, de formação leitora por jovens e adultos. Nunca houve tanto investimento na literatura e nos livros infantis, por parte de órgãos públicos e privados.

Agora chegou a vez de lutarmos por um país mais leitor, com a leitura literária acessível a muitos, e que os livros e a produção literária mantenham a qualidade inaugurada por Lobato há quase um século. Não podemos aceitar livros chinfrins, de meia dúzia de folhas, com textos mal adaptados, ilustrações estereotipadas. Nem histórias sem fantasia, com moralismos, com teor didático.

Queremos sim, um grande colo e obras da melhor qualidade, que sejam, de fato, uma experiência única para cada criança. De novo!

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. São Paulo: Salamandra, 2005.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2009.

FERENCZI, Sándor, “*Confusão de línguas entre os adultos e a criança*”. In: *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. "Além do princípio do prazer". In: *Obras psicológicas completas*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. "Recordar, repetir e elaborar". In: *Obras psicológicas completas*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. "Escritores criativos e devaneios". In: *Obras psicológicas completas*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

PARRA, Evelio Cabrejo. Entrevista para a Revista Nova Escola, disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/entrevista-evelio-cabrejo-parra-.736818.shtml>>, acesso em 28/08/14, 15h47.

PARREIRAS, Ninfa. *Do ventre ao colo, do som à literatura, livros para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

_____. *O brinquedo na literatura infantil, uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Biruta, 2009.

WINNICOTT, DONALD W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

ON OUR LAP: THE RIGHT PLACE FOR BOOKS AND LITERATURE IN CHILDHOOD

Abstract

The purpose of our reflection on this essay, *Lap: the place of books and literature on childhood* is thinking children's literature, its development in the country and its reach in libraries and schools. Which literature is this? What distinguishes the literature of the book? Who is the child reader? Conceive lap as welcoming space for the baby and reading helps break paradigms and read aloud to babies and children, singing and storytelling. And above all, value and respect the seemingly meaningless sounds as a language under construction. Include the family as responsible for the promotion of reading is the duty of educators committed to the democratization of literary art. The toy is highlighted as the primary subject of childhood as well as his presence in the literature. That means, the play,

fantasy and imagination are able to indeed preponderant elements of children's literature. There are authors of psychoanalysis that help us understand the childhood and aspects of children literature as Sigmund Freud, Sandor Ferenczi, Donald W. Winnicott, as well as the thinkers Walter Benjamin and Roland Barthes are cited. We value the look and listening as gestures of holding children and bringing them to the art of the word.

Keywords: Children's Literature. Childhood. Books.

Data de recebimento: agosto 2014

Data de aceite: setembro 2014